

Bush reúne banqueiros a fim de reduzir dívida do Terceiro Mundo

28 SET 1989

JORNAL DO BRASIL

WASHINGTON — O presidente George Bush finalmente tomou para si a responsabilidade de fazer a estratégia de redução da dívida do Terceiro Mundo — anunciada em março passado pelo seu secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Prova disso foi o encontro realizado, por iniciativa sua, na Casa Branca há dois dias. Lá, convocados às pressas, 65 banqueiros ouviram uma verdadeira "bronca" presidencial.

Bush puxou duro suas orelhas, reclamando que a resistência dos bancos em emprestarem dinheiro novo aos países endividados minava a tese central do seu plano para a dívida — que prevê, além da redução do débito, a manutenção do fluxo de capital para promover o que seu governo qualifica de crescimento auto-sustentado pelo Terceiro Mundo.

"Eu quero que vocês saibam o quanto eu, pessoalmente, apoio a nova estratégia da dívida, e o quanto vocês são importantes para o seu sucesso", disse o presidente americano. Sua intervenção tem características históricas. Pela primeira vez, um presidente se envolve de modo tão direto com a crise da dívida externa do Terceiro Mundo. Fontes da Casa Branca informaram que o presiden-

te há muito pensava em ter uma conversa com os banqueiros.

O encontro acabou sendo precipitado depois que três grandes bancos de Nova Iorque anunciaram na sexta-feira que estavam aumentando suas reservas para se precaver contra a possibilidade de terem que perdoar dívidas em seus portfólios. A atitude foi interpretada como o primeiro passo da comunidade financeira para dar as costas, definitivamente, aos países endividados.

Foi também por causa disso que, em seus discursos na abertura da reunião anual do FMI e do Banco Mundial, seus diretores-gerais, Michel Camdessus e Barber Conable, exortaram os banqueiros a compreender a necessidade de as nações endividadas terem acesso a novos créditos. Camdessus disse que o setor financeiro privado precisava fazer sua cota de sacrifício, pois o futuro financeiro do Terceiro Mundo não podia ficar pendurado apenas em créditos de governos de países industrializados ou das instituições multilaterais.

Na reunião de terça-feira, Bush chegou a dizer que os banqueiros não po-

diam se limitar a ver esta questão como algo meramente financeiro. Ele afirmou que a dívida tinha um caráter político para o mundo e, para os Estados Unidos, era uma questão de segurança nacional.

O encontro foi organizado pelo secretário de Tesouro, Nicholas Brady. Os banqueiros ficaram impressionados com a defesa presidencial do plano de redução, mas garantiram que isto não vai mudar de uma hora para a outra suas resistências a ele.

Bush apontou para as reformas no Leste Europeu como o melhor argumento a favor da liberdade econômica, mas não o único. "O economista peruano Hernando de Soto nos ajudou a entender um senômemor econômico de proporções mundiais", discursou. "Andando pelas ruas de Lima e analisando não as estatísticas oficiais, mas a economia informal, ele descobriu que os pobres da América Latina cuidam de seus negócios democraticamente, organizando sua economia paralela sem regulamentações, de forma totalmente livre". Bush acha que esta "rede informal" deve ser trazida para a economia regular. (M.F.B.)